

Técnica e responsabilidade: a compreensão de uma filosofia da vida nascida em tempos de guerra

TECHNIQUE AND RESPONSIBILITY: UNDERSTANDING A PHILOSOPHY OF LIFE BORN IN TIMES OF WAR

*Luciana Alves da Costa**

*Viviane Cristina Cândido***

RESUMO

Dias pandêmicos se assemelham a dias de guerra, onde crises se multiplicam em todas as esferas, afetando as pessoas de várias maneiras. O filósofo Hans Jonas vivenciou as duas grandes guerras e, a partir da sua experiência, deixou um legado através das suas obras, que contemplam profundas reflexões, tais como: o fenômeno da vida; o poder e impacto do desenvolvimento da tecnociência na vida e no pensamento do homem; a necessidade de se estabelecer uma nova ética, capaz de conter o impulso e o desejo irrefreado pela aplicação da tecnologia que, amparada pela ciência, nos traz a sensação de estarmos inseridos em um processo de progresso contínuo e ilimitado, onde mudanças e inovações acontecem de forma veloz e surpreendente, no tempo e espaço. A experiência e os escritos do filósofo nos instigam a reflexões acerca da técnica e da responsabilidade que, neste artigo, consideram o contexto de pandemia.

PALAVRAS-CHAVE: Vida; Medicina; Ética; Filosofia da saúde; Hans Jonas.

ABSTRACT

Pandemic days are similar to days of war, where crises multiply in all spheres, affecting people in various ways. Philosopher Hans Jonas experienced the two great wars and, based on his experience, left a legacy through his works, which include deep reflections, such as: the phenomenon of life; the power and impact of the development of technoscience on human life and thought; the need to establish a new ethics, capable of containing the impulse and the unbridled desire for the application of technology that, supported by science, brings us the sensation of being inserted in a process of continuous and unlimited progress, where changes and innovations happen in a fast and surprising way, in time and space. The philosopher's experience and writings prompt us to reflections on technique and responsibility that, in this article, consider the pandemic context.

KEYWORDS: Life; Medicine; Ethic; Health philosophy; Hans Jonas.

* Mestra em Ciências da Saúde pela Escola Paulista de Medicina – Universidade Federal de São Paulo – EPM/UNIFESP. Pesquisadora do Grupo de Estudos de Filosofia da Saúde – UNIFESP/CNPq. Cirurgiã Dentista pela Faculdade Metodista. São Paulo, Brasil. lualda-costa@gmail.com <https://orcid.org/0000-0002-1989-0897>

** Doutora em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, mestra em Educação, graduada em Filosofia e Pedagogia. Docente adjunto e pesquisadora em Filosofia da Saúde – Centro de História e Filosofia das Ciências da Saúde – Escola Paulista de Medicina – Universidade Federal de São Paulo – EPM/UNIFESP. Coordenadora do Grupo de Estudos de Filosofia da Saúde UNIFESP / CNPq, São Paulo, Brasil. candido.viviane@unifesp.br <https://orcid.org/0000-0002-4164-0245>

Introdução

Há poucas semanas, estive em um hospital realizando tratamento de *laserterapia* em uma paciente jovem, acamada, que não conseguia se alimentar pelo fato de ter desenvolvido lesões na cavidade bucal, em decorrência de um tratamento de radioterapia. O trabalho em equipe multidisciplinar tem sido uma realidade cada vez mais presente nos hospitais, e a odontologia tem contribuído sobremaneira no processo terapêutico e na melhora da qualidade de vida dos pacientes internados, inclusive nas unidades de terapia intensiva (UTI). Esta é uma área desafiadora para cirurgiões dentistas, que assim como eu, têm buscado desenvolver uma visão mais integralizada sobre a boca, o corpo humano, e seus elementos constitutivos, que vão além das estruturas orgânicas. Ao sair deste hospital, me deparei com uma cena impactante na sala da recepção, onde uma médica conversava com a família de um paciente, dando a notícia da morte cerebral dele, devido a uma complicação sistêmica em decorrência da contaminação por Covid-19. A esposa deste paciente não conseguia se conter e chorava, chorava alto! Evitei olhar para não constranger e, mesmo depois de ter saído daquele local, podia ouvir dentro de mim aquele choro angustiado, de quem não conseguiu dar o último abraço, o último beijo, tampouco falar as últimas palavras de despedida.

Uma semana após este acontecimento, estive novamente no mesmo hospital, desta vez para avaliar as lesões bucais da dona Marilene (nome fictício), que se encontrava intubada há quase 2 semanas por causa de complicações pulmonares provocadas pela covid. Conversei com a

equipe de enfermagem, indiquei um medicamento, e voltei no dia seguinte para acompanhar a evolução da paciente. Assim que cheguei no andar, encontrei o médico responsável e logo perguntei sobre dona Marilene. Ele olhou para baixo e fez um movimento com a cabeça, de maneira a mostrar o seu inconformismo: “Acabou de falecer... Fizemos de tudo, tudo o que você possa imaginar... O organismo dela estava ótimo, exceto o pulmão, que não respondia mais a nenhuma medicação.”

Cenas tristes e impactantes como estas, infelizmente têm sido comuns em nossos dias. A luta pela sobrevivência dos que vão para os hospitais, assim como o sentimento coletivo de tristeza e angústia, não nos deixam dúvidas de que, vivemos em tempo de guerra. E este inimigo invisível (vírus SARS-CoV-2), que conseguiu virar o mundo de ponta cabeça, ainda parece agir de acordo com o conselho de Sun Tzu, da “*Arte da Guerra*”: “Ataque o adversário quando ele estiver despreparado e surja de onde não estiver sendo esperado” (Hanzhang, 2011, p. 25)

Tal guerra, que teve início no âmbito da biologia e fisiologia humana, se estendeu de tal forma que, atualmente, podemos sentir sua repercussão em praticamente todas as esferas das nossas vidas. De acordo com Arbix, a atual crise gerada pela Covid-19 já deixou em seu rastro pelo menos três grandes marcas:

A primeira está cravada no alto custo em vidas e sequelas que feriram populações imensas em um curto espaço de tempo; a segunda responde pela aguda recessão e consequente diminuição do emprego, de salários e de renda, fechamento de empresas e desorganização da economia, com aumento das desigualdades e da pobreza; a terceira está ligada à corrosão institucional e à disseminação do medo e da perplexidade na sociedade. (ARBIX, 2020, p. 01)

A pandemia da gripe espanhola (1918-1919) ocorreu de forma simultânea com o final da primeira guerra mundial. Estima-se que o número de mortos no mundo em sua decorrência tenha sido maior do que o número de vítimas civis e militares da primeira guerra. Schwarcz e Starling em seu livro *A bailarina da morte*, se referem à gripe espanhola como *uma doença esquisita*, deixando entrever o quanto, à época, era difícil compreendê-la. Apontam os números da tragédia: “Em mais ou menos noventa dias, iria infectar um quinto da população mundial e matar de 20 milhões a 50 milhões de pessoas, ultrapassando o resultado de quatro anos de guerra global ininterrupta.”

A atual pandemia, iniciada na China em janeiro de 2020, deixou até agora 4.897.535 milhões de mortos no mundo¹, sendo que no Brasil, 603.152 pessoas perderam a vida até a data de 17/10/2021². Diante deste contexto, que tanto expõe a nossa condição de impotência e fragilidade, a crença no poder da ciência ainda nos traz esperança de dias melhores, sobretudo pela viabilidade da vacinação em massa. Contudo, pudemos sentir na pele, que nem mesmo a ciência moderna com todo o aparato e desenvolvimento tecnológico, foi capaz de impedir o avanço e a disseminação da doença provocada pelo vírus Sars-CoV-2 de maneira imediata, ao contrário, tem sido necessário considerar o tempo, o trabalho conjunto e questões relacionadas à política dos países em particular, bem como a exigência de uma atuação conjunta, como afirmou Harari em ensaio publicado em março de 2020:

1 Dados contidos no site do Johns Hopkins University of Medicine – Coronavirus Resource Center.

2 Dados contidos no site do Ministério da Saúde: Coronavírus Brasil – Painel Coronavírus.

Hoje, a humanidade enfrenta uma crise aguda não apenas por causa do coronavírus, mas também pela falta de confiança entre os seres humanos. Para derrotar uma epidemia, as pessoas precisam confiar nos especialistas, os cidadãos precisam confiar nos poderes públicos e os países precisam confiar uns nos outros. (sem página).

Tal situação nos instiga à reflexão sobre os limites e, ousamos afirmar, a fragilidade da ciência contemporânea – uma vez que tomar em conta o ser humano significa estabelecer uma dialética entre a objetividade e a subjetividade, o que coloca a ciência contemporânea num outro lugar, diferente daquele anterior, no qual era norteadada pelo positivismo centrado na objetividade e nas evidências.

Considerando que o cenário anterior à pandemia, mantidas as devidas proporções, não se diferenciava tanto deste que, provavelmente, de maneira mais acirrada, tem nos envolvido em uma dinâmica de progresso contínuo e ilimitado, onde mudanças e inovações acontecem de uma forma veloz e surpreendente, no tempo e espaço, fica a questão acerca da maneira pela qual a pandemia de Covid-19 tem afetado substancialmente nossa compreensão da ciência, em especial as ciências da saúde em geral e a medicina em particular.

Em tempos pandêmicos, convém destacar que a ciência médica, além de lidar com questões ligadas ao controle da doença e sua transmissibilidade, foi obrigada a considerar o aspecto emocional dos profissionais da saúde, cuja subjetividade foi diretamente afetada.

O contexto de pandemia requer maior atenção ao trabalhador de saúde também no que se refere aos aspectos que concernem à sua saúde mental. Tem sido recorrente o relato de aumento dos sintomas de ansiedade, depressão, perda da qualidade do sono, aumento do uso de drogas, sintomas psicossomáticos

e medo de se infectarem ou transmitirem a infecção aos membros da família. (TEIXEIRA et al., 2020).

Diante de tal situação, soluções da ciência moderna têm sido insuficientes e inadequadas, já que sentimentos como insegurança, medo e sofrimento, por parte da população e dos profissionais da saúde, não podem ser combatidos com razão e materialismo, do que decorre ensejarmos trazer neste artigo algumas contribuições do filósofo Hans Jonas (1903-1993) que dedicou-se à biologia, apresentando a proposta de uma filosofia da biologia; às questões bioéticas propondo o *princípio responsabilidade*³ e à interlocução com a medicina, por entender que a *prática médica* é lugar privilegiado da aplicação de seu princípio ético.

Considerando o contexto da pandemia, bem como o fato de que a ética e a responsabilidade humana têm representado um grande desafio diante das infinitas possibilidades e avanços desmedidos da técnica, pensaremos em o ser vivente jonasiano e sua relação com a técnica e a ética para, ao final, apresentarmos algumas reflexões acerca do que podemos tomar como um aprendizado para a área da saúde, a partir da pandemia de Covid-19.

1. Hans Jonas – uma filosofia do vivente e a questão da técnica

O filósofo Hans Jonas vivenciou as duas grandes guerras mundiais, chegando a participar da segunda como soldado de uma brigada inglesa contra o nazismo, acerca desta experiência, Bouretz afirma:

3 O princípio responsabilidade – ensaio de uma ética para a civilização tecnológica, publicado em 1979.

Junto a seus mestres em filosofia, Hans Jonas havia aprendido muito sobre o ser e o mundo, o corpo e o espírito, a angústia e a morte. Mas, após a experiência da guerra numa frente de luta e onde se vivia sem livros e com questões reduzidas ao elementar, até mesmo a mortalidade heideggeriana parecia ter-se tornado abstrata demais. Era ela, portanto, que cumpria abordar diretamente: por meio do fenômeno da vida e mesmo com o risco de se distanciar das margens familiares da erudição para aventurar-se em hipóteses em que o mundo real reencontraria o seu lugar. (2011, p. 948-949).

Foi ainda na guerra que Jonas, impactado pelas mortes e pela questão da fragilidade da vida, escreveu cartas normativas que, posteriormente, deram origem ao livro *O Princípio Vida*. Nesta obra, Jonas é contundente ao expor que a ciência contemporânea, apesar do seu profundo conhecimento sobre a matéria pura (ou matéria morta), nunca foi capaz de explicar o enigma da vida; vida que se constitui por matéria e espírito, que segundo ele, fazem parte da mesma unidade, e tem uma relação de intersecção e contiguidade, não passível de fragmentação

a biologia científica, cujas regras a mantêm presa aos fatos físicos exteriores, é forçada a ignorar a dimensão da interioridade, que faz parte integrante da vida; com isto ela faz desaparecer a distinção entre ‘animado’ e inanimado’; e ao mesmo tempo o sentido da vida, quando explicado unicamente através da matéria, torna-se ainda mais enigmático do que antes. (JONAS, 2004, p.07).

Para o autor, “Uma releitura filosófica do texto biológico pode reconquistar para a compreensão das coisas orgânicas a dimensão interior [...] e assim reconquistar para a unidade psicofísica da vida o lugar que ela perdeu na teoria”, em função da separação cartesiana entre o mental e o material. “Nesse caso o ganho para a compreensão do orgânico há de constituir um lucro também para a compreensão do ser humano (Jonas,

2004, p. 07) e, mais adiante, o orgânico prefigura o espiritual, mesmo em suas estruturas mais primitivas, e em suas dimensões mais elevadas, o espírito permanece parte do orgânico”. (p. 11).

Após a segunda guerra mundial, Hans Jonas mudou-se para a América do Norte, portanto, acompanhou a extraordinária revolução da ciência e tecnologia, que segundo ele, tornou-se um poder que carrega consigo um potencial ambíguo e ambivalente. Jelson Oliveira, um dos estudiosos que, no Brasil, se debruça sobre o pensamento jonasiano, no capítulo em que discute *a questão da técnica*, aponta que ao falar sobre a técnica (ou tecnologia) e o contraste entre o passado e a era moderna, Jonas comenta sobre o movimento técnico, que no passado era lento e até mesmo estático, gerando um equilíbrio entre “fins reconhecidos e meios apropriados” (Oliveira, 2014, p. 94).

Ainda segundo Oliveira, já o movimento tecnológico da atualidade, nos traz a sensação de estarmos inseridos em um processo de revolução permanente, que segundo Jonas, tem alterado a relação do homem com o mundo: “A técnica promove ‘uma mudança global nos assuntos humanos’ tendo ‘um caráter radical, é abrangente e se cumpre num breve tempo: essa última característica distingue revolução de evolução” (JONAS, SDD⁴, p. 75 apud OLIVEIRA, 2014, p.99).

Segundo Jonas, a técnica (ou tecnologia) se apresenta hoje tão inserida na vida humana, que se tornou impossível a sua neutralidade e

4 SDD – Século dezoito e depois: o significado da revolução científica e tecnológica. Do original: Seventeenth century and after: the meaning of the scientific and technological Revolution. *Philosophical Essays*. Englewood Cliffs/Nova Jersey: Prentice-Hall, 1974, p. 45-80.

reversibilidade e, portanto, faz-se necessário a existência de uma filosofia da tecnologia:

Dado que hoje em dia a técnica avança sobre quase tudo o que diz respeito aos homens – vida e morte, pensamento e sentimento, ação e padecimento, ambiente e coisas, desejos e destino, presente e futuro – em resumo, dado que ela se converteu em um problema tanto central quanto premente de toda a existência humana sobre a terra, já é um assunto de filosofia da tecnologia. (JONAS, 2013, p. 25).

Ao falar sobre a revolução tecnológica, o filósofo discorre sobre os cinco estágios deste fenômeno, onde a ciência aplicada à técnica tornou realidade, utopias do passado. O primeiro estágio foi o *mecânico*, que teve início na revolução industrial (finais do sec. XVII) com a era das máquinas. O segundo foi o *químico*, fruto de pura ciência, que possibilitou ao homem a criação de novas substâncias e objetos, capazes de imitar natureza, ressignificar a arte e desbravar novas formas de trabalho. A terceira revolução, a *elétrica*, união da ciência química e mecânica, representou segundo Jonas, uma força universal da natureza que não se “manifesta”, entretanto, aos homens de forma natural. “A eletricidade é um objeto abstrato, incorpóreo, imaterial, invisível; um artefato, produzido por uma sutil transformação desde formas mais brutas de energia (a maioria das vezes a partir do calor, através do movimento).” (JONAS, 2013, p. 46).

Tal abstração característica da eletricidade, atingiu seu ápice na *eletrônica* (quarto estágio), que exprime de forma nítida a realidade revolucionária dos tempos modernos. Ao falar sobre o quinto e último estágio, o da *biologia*, o autor considera que esta foi a revolução que transformou o homem em objeto da técnica, principalmente pela manifestação prática

sem precedentes da manipulação genética, além das técnicas de controle do comportamento e prolongamento da vida. (Oliveira, 2014, p. 115).

Importante destacar que esse último estágio, o da biologia, assinala uma radicalidade que altera para sempre a compreensão que temos da técnica e da ciência, pois, uma vez que o homem passa a ser, ele mesmo, objeto da técnica, vemos um quadro em que temos o ser humano atuando sobre o ser humano, do que resulta a necessidade de pensarmos uma ética totalmente distinta daquela que pensávamos antes, posto que nossas ações no campo da biologia resultarão ou não em nossa sobrevivência como espécie.

2. Uma filosofia do vivente e a questão da responsabilidade

Durante a segunda grande guerra, impressionado pelo estrago que a tecnologia de grande porte causou na vida de tantas pessoas de uma forma tão abrangente e rápida, Hans Jonas levantou questões relacionadas ao perigo do avanço da técnica, quando utilizada de maneira desmedida e desregrada pelo homem. Em seu livro *O princípio responsabilidade – Ensaio de uma ética para a civilização tecnológica*, o filósofo demonstra a sua preocupação com o potencial que o homem contemporâneo adquiriu, o de realizar grandes façanhas quando em poder da técnica, sendo capaz de destruir a natureza, os animais, e até mesmo causar destruição em massa do próprio homem, como aconteceu com a bomba atômica durante a segunda guerra mundial.

Segundo o filósofo, diante de tal possibilidade, o homem se tornou uma ameaça a si mesmo, e o maior inimigo de si próprio, o que se agrava no campo da biologia quando o ser humano é capaz de manipular como objeto outro ser humano. Dentro desta perspectiva, teorias como a de que o vírus Sars-2 teria sido elaborado em um laboratório na China, embora esteja no campo da especulação, se demonstra como um acontecimento perfeitamente factível, dada a eficácia e capacidade da biotecnologia moderna, que tem transformado ficções do passado, em realidades presentes em nossas vidas e no nosso cotidiano.

O imperativo de se estabelecer uma nova ética concomitante ao surgimento de inovações da tecnociência em geral e das biotecnologias de maneira particular, foi um tema amplamente discorrido por Hans Jonas, o qual aponta algumas razões que justificam esta necessidade, a da técnica moderna ser objeto da ética. A esse respeito, Lilian Simone Godoy Fonseca, também pertencente ao grupo que, no Brasil, se dedica aos estudos sobre Hans Jonas, em sua introdução ao livro *Biotecnologias: novos desafios e nova responsabilidade à luz da ética de Hans Jonas*, afirma:

A situação do homem atual, identificada no título ao termo *desafio*, num certo sentido, não se distingue da situação do homem em outras épocas. Pois o ser humano, por sua própria condição, sempre foi confrontado ao desafio de assegurar sua própria sobrevivência. O desafio não constitui, portanto, algo novo para a espécie humana. Novo é, porém, o tipo de desafio ora colocado, o qual, mais que inédito, revela um caráter altamente ambíguo.

Com efeito, o século XX chegou ao fim legando ao século XXI um cenário jamais imaginado em toda a história, tanto por suas promissoras *conquistas* quanto por suas insuspeitas *ameaças*, ambas decorrentes do avanço das tecnologias em geral e da inédita possibilidade da aplicação em seres humanos biotecnologias em particular. (FONSECA, 2015, p. 21).

Assim, as questões que ocupam Jonas dizem respeito à ética da biologia e da técnica, as quais se tornam aplicação, uma vez que, em todos os casos, o ser humano atuará sobre o ser humano e, na maioria das vezes, de forma irreversível. Segundo o filósofo, a primeira razão pela qual a técnica é objeto da ética, se constitui pela *ambivalência dos efeitos*, onde reconhecer o caráter ambíguo e o potencial ameaçador da técnica é algo essencial, mesmo quando esta (técnica) for usada de forma benevolente. “Por sua dinâmica inerente, que assim a impulsiona, à técnica está negado o livre espaço da neutralidade ética, no qual precisamos nos preocupar apenas com a capacidade de rendimento.” (Jonas, 2013, p. 52)

O filósofo também se refere à *inevitabilidade da aplicação*, e explica que, diferentemente do passado, onde a posse de uma capacidade ou poder não significava que este seria necessariamente usado (podendo permanecer no plano da reserva), na sociedade moderna não existe espaço para a possibilidade da escolha, dada a automaticidade das novas tecnologias.

O desenvolvimento de novos tipos de capacidades que se produz constantemente transita de forma continuada em sua expansão na corrente sanguínea da ação coletiva, da qual tais capacidades já não podem mais se separar (a não ser mediante uma substituição superior). (JONAS, 2013, p.53).

Jonas também considera as *novas dimensões globais de espaço e tempo*, como um fator provocativo de questionamento ético, já que o potencial de aplicação da técnica é capaz de afetar a vida humana e extra-humana do planeta terra, com efeitos cumulativos que afetarão as gerações futuras. Segundo o autor, a intrusão de dimensões remotas, futuras

e globais em nossas decisões prático-mundanas cotidianas, se constitui como um chamado para uma nova ética, que se chama responsabilidade. “As exigências sobre a responsabilidade crescem proporcionalmente aos feitos do poder.” (Jonas, 2013, p. 55)

Para o ele, o maior desafio ético contemporâneo está relacionado ao empoderamento da técnica pelo homem, que tem criado seus requisitos e processos de maneira autônoma, desvencilhando a técnica da ética. Desse modo, não faz parte da dinâmica formal da técnica, a preocupação com o impacto e as consequências, que as ações tecnológicas do presente terão no futuro. O autor se refere à nova ética como um “poder sobre o poder”, ou ética do futuro, que vem a ser uma atividade reflexiva, onde a projeção de possíveis danos causados pelo uso desenfreado da técnica, deve ser sempre considerado e pautado pelos pesquisadores que atuam diretamente sobre outros seres humanos.

3. Uma filosofia do vivente em tempos de pandemia

Do ponto de vista intra-humano e interrelacional, uma nova ética, que inclua uma nova compreensão da responsabilidade humana para consigo mesmo, para com os outros e o mundo em que vivemos, tem sido aclamada e efetivada em dias pandêmicos, já que em nosso atual contexto, o ato de “preservar a vida” se tornou algo vinculado a novas ações e atitudes de cunho individual e coletivo. De acordo com Garcia, “medidas com alcance individual, ambiental e comunitário, como a lavagem das mãos, a etiqueta respiratória, o distanciamento social, o arejamento e a

exposição solar de ambientes, a limpeza de objetos e superfícies, e a restrição ou proibição ao funcionamento de escolas, universidades, locais de convívio comunitário, transporte público, além de outros locais onde há aglomeração de pessoas”, são métodos efetivos para reduzir a morbidade e a mortalidade por infecções respiratórias. (Garcia, 2020). Portanto, o novo *princípio responsabilidade* nos instiga a pensarmos na preservação da vida, já que nossas ações e atitudes terão repercussão na própria vida e na vida dos outros.

Assim como aconteceu com o filósofo durante a segunda grande guerra, estamos diariamente sendo obrigados a lidar com a questão da fragilidade da vida e a necessidade intrínseca de preservá-la. Como vimos até aqui, Jonas percebeu essa necessidade ao deparar-se com o fato de que a técnica moderna introduziu ações de *ordem inédita de grandeza* - no campo da reprodução assistida ou no prolongamento da vida, a exemplo, que conclamam novas dimensões da responsabilidade que considerem a vulnerabilidade da natureza; o novo papel do saber na moral em que o saber seja um dever prioritário e que tenha a mesma magnitude da dimensão causal do nosso agir sendo um *saber providente*, que reconheça seu significado ético. (JONAS, 2006, p. 39-41).

O hiato entre a força da previsão e o poder do agir produz um novo problema ético. Reconhecer a ignorância torna-se, então, o outro lado da obrigação do saber, e com isso torna-se uma parte da ética que deve instruir o autocontrole, cada vez mais necessário, sobre o nosso excessivo poder. (JONAS, 2006, p. 41).

Finalmente, Jonas aponta como a terceira nova dimensão da responsabilidade o direito moral da natureza que exige que levemos em consideração mais do que os interesses “do homem”, se a ética antiga baseava-se numa limitação antropocêntrica, hoje se trata de indagar “se a condição da natureza extra-humana, a biosfera no todo e em suas partes, hoje subjugadas ao nosso poder, exatamente por isso não se tornaram um bem a nós confiados, capaz de nos impor algo como uma exigência moral”, não apenas por nós, mas pelo direito próprio da natureza. (JONAS, 2013, p. 41).

À luz dessas dimensões, Jonas propõe a sua teoria da responsabilidade e seu *princípio responsabilidade*.

Se o seu *Princípio vida* nos instiga a olharmos a vida como um fenômeno, na sua forma mais elementar e íntegra, diferente da visão dualista, que separa espírito e matéria, corpo e alma; seu *princípio responsabilidade* nos conduz a reflexões que visam a preservação da vida humana e extra humana no planeta, que considere a vida pois, de acordo com o filósofo, “Viver é essencialmente estar relacionado com algo; e relação, como tal, implica ‘transcendência’, implica um ultrapassar-se por parte daquilo que mantém a relação.”, do que decorre nossa responsabilidade de uns para com os outros e para com o espaço e tempo de nossa existência. (JONAS, 2004, p.15)

Ao falar sobre o fenômeno da vida, o filósofo considera que o início de tudo se dá a partir da atividade metabólica, que ganha “liberdade” na medida em que faz escolhas e conexões com o meio externo. “Para

Jonas, a liberdade é uma espécie de causalidade. Mas não a causalidade mecânica, baseada na relação matéria e matéria. No caso, parece existir um algo mais: haveria uma espécie de poder da subjetividade que ocorre como controle da motricidade corporal” (Oliveira, p. 65). Dentro desta perspectiva, a liberdade representa a ‘mola propulsora’, que torna a matéria inanimada em substância viva, ao se abrir para o meio externo e estabelecer uma relação de dependência e necessidade. Para o autor, a liberdade é um traço ontológico fundamental da vida em si, é o que diferencia a matéria orgânica da não orgânica. Diante da questão da liberdade coloca-se mais uma vez a responsabilidade e, em tempos em que tudo podemos tornar-se urgente a pergunta acerca do *se* devemos.

Tal princípio, o da responsabilidade diante do poder de nossas ações, se aplica às ciências em geral e da saúde; às biotecnologias e, como evidenciou a pandemia, em nossas ações cotidianas na compreensão e ação diante do quadro de mortes no Brasil e no mundo; na postura diante dos pacientes e de suas famílias, por parte de cada um e, em especial, dos profissionais de saúde; na postura diante dos próprios profissionais de saúde e suas condições de enfrentamento do que tem se configurado como o mais difícil dos últimos tempos por sua imprevisibilidade e por colocar por terra saberes instituídos, colocando a morte – tão colocada ao longe – em destaque; em nossa decisão pessoal de vacinação que considere, para além de nós mesmos, o futuro da nossa espécie.

Considerações finais

Tempos pandêmicos nos chamam a atenção para a realidade da nossa fragilidade e para o risco eminente de termos a nossa liberdade (em todos os sentidos) interrompida a qualquer instante, a qualquer momento. O ato de respirar, tão simples e até trivial, tem sido valorizado sobremaneira, e nos chama atenção para algo tão óbvio, mas que parece permanecer no plano do inconsciente; o de que a preservação da vida, sempre depende de algo externo e relacional.

Para Hans Jonas, a guerra, apesar de ter deixado profundas feridas na sua alma (por ocasião da morte da sua mãe em um campo de concentração) não foi capaz de tirar-lhe a liberdade de pensamento e reflexão. O fenômeno da vida se tornou para ele algo ainda mais instigante durante este período, levando-o a compartilhar as suas inquietudes a partir da fragilidade humana: “Na sua relação com a morte, a vida pertence a um âmbito de riscos e passa a ser entendida de forma imediata a partir da experiência da fragilidade: porque pode morrer é que o vivo se mantém num frágil equilíbrio entre liberdade e necessidade.” Nossa liberdade é precária, somos dependentes do meio, a vida se forja cotidianamente porque está fadada a perecer. (Oliveira, 2014, p. 60).

Hans Jonas nos convida a ressignificarmos o fenômeno da vida, mesmo em meio a guerra. Nos convida a usarmos o nosso potencial a favor da preservação da vida. E para que isto aconteça, é preciso que se incorpore e se tenha em mente as palavras do filósofo:

“Para que seja benéfico para a condição humana, o conhecimento precisa ser ‘criado e dirigido para o amor ao próximo’. Quer dizer: quem quer que administre o curso e o uso da teoria, tem que tomar a peito as necessidades e os sofrimentos da humanidade”. (Jonas, 2004, p. 216).

Referências Bibliográficas

ARBIX, Glauco. Ciência e tecnologia em um mundo de ponta-cabeça. *Usp - Estudos avançados*, São Paulo, V. 34 n.99 May-Aug 2020. Disponível em: [<https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2020.3499.005>]. Acesso em: 18/10/2021.

BOURETZ, Pierre. Testemunhas do futuro: filosofia e messianismo. Trad. J. Guinsburg, Fany Kon e Vera Lúcia Felício. São Paulo: Perspectiva, 2011.

FONSECA, Lilian Simone Godoy. Biotecnologias: novos desafios e nova responsabilidade à luz da ética de Hans Jonas. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015.

_____. Liberdade na necessidade ou a resolução do dualismo segundo Jonas. *Dissertatio Revista de Filosofia*, v. 32 p. 55-75. 2010 Disponível em: [<https://doi.org/10.15210/dissertatio.v32i0.8742>]. Acesso em: 18/10/2021.

FRANÇA, Helysson Assunção; OLIVEIRA Luizir de. Vida e Liberdade em Hans Jonas: pressupostos teóricos para uma filosofia da técnica. *Revista Húmus*. V. 6, n.17, 2016 Disponível em: [<http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/revistahumus/article/view/5469>]. Acesso em: 18/10/2021.

GARCIA, Leila Posenato. Uso de máscara facial para limitar a transmissão da COVID-19. *Epidemiol. serv. saúde*. Brasília, v.29 n.2, 2020. Disponível em [<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1101115>]. Acesso em: 05/10/2021.

HANZHANG, Tao. *A arte da Guerra de Sun Tzu*. Tradução de Sally Tilelli. São Paulo: Editora Gente, 2011.

HARARI, Yuval Noah. *Na batalha contra o coronavírus, faltam líderes à humanidade*. Trad. Odorico Leal. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

JONAS, Hans. *Técnica, medicina e ética - Sobre a prática do princípio responsabilidade*. Tradução do grupo de trabalho Hans Jonas da ANPOF. Paulus. São Paulo, 2013

_____. *O princípio responsabilidade – Ensaio de uma ética para a civilização tecnológica*. Tradução do original alemão Marijane Lisboa,

Luiz Barros Montez. Rio de Janeiro; Contraponto: Ed. PUC – Rio, 2006.

____. O princípio Vida: Fundamentos para uma biologia filosófica. Tradução de Carlos Almeida Pereira. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

JOHNS HOPKINS UNIVERSITY – coronavirus resource center. Disponível em: [<https://coronavirus.jhu.edu/map.html>]. Acesso em: 17/10/2021

OLIVEIRA, Jelson. Compreender Hans Jonas. Petrópolis: Vozes, 2014

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Painel coronavírus. Disponível em [<https://covid.saude.gov.br/>]. Acesso em: 17/10/2021

SCHAWARCZ, Lilia Moritz, STARLING, Heloísa Murgel. A bailarina da morte - A gripe espanhola no Brasil. 1a ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

TEIXEIRA, Carmen Fontes de Souza et al. A saúde dos profissionais de saúde no enfrentamento da pandemia de Covid-19. *Ciência e Saúde Coletiva*. 25 (9), 2020. Disponível em [<https://www.scielo.br/j/csc/a/6J6vP5KJZyy7Nn45m3Vfypx/?lang=pt>]. Acesso em 18/10/2021